

Da redoma ao poema: escrita, suplência e melancolia em Sylvia Plath

*Matheus Pereira e Silva**
*Greta Fernandes Moreira***

RESUMO: A partir da concepção da melancolia como uma estrutura psicótica, este estudo analisa os limites da escrita como suplência simbólica em Sylvia Plath. Considerando a proposta lacaniana de que certas formações, como a escrita, podem funcionar como um quarto elo de sustentação psíquica, discutem-se os impasses dessa operação quando não há uma inscrição simbólica no campo do Outro, ou seja, um reconhecimento no laço social. Na biografia de Plath, observa-se que a autora só alcançou reconhecimento público após sua morte, o que evidencia a falha dessa possibilidade de suplência. Sua escrita, assim, não oferece sustentação à sua estrutura: repete, incansavelmente, a dor que não encontra amarra simbólica.

Palavras-chave: MELANCOLIA; PSICOSE; SUPLÊNCIA SIMBÓLICA; ESCRITA; SYLVIA PLATH.

From the Bell Jar to the poem: writing, support, and melancholia in Sylvia Plath

ABSTRACT: Based on the conception of melancholia as a psychotic structure, this study analyzes the limits of writing as a symbolic support in Sylvia Plath. Considering Lacan's proposal that certain formations, such as writing, can function as a fourth link of psychic sustenance, this work discusses the impasses of such an operation when there is no symbolic inscription in the field of the Other, that is, no recognition within the social bond. In Plath's biography, it is observed that the author only achieved public recognition posthumously, which highlights the failure of this form of support. Thus, her writing does not provide stability to her psychic structure: it ceaselessly repeats the pain that lacks symbolic anchoring.

Keywords: MELANCHOLIA; PSYCHOSIS; SYMBOLIC SUPPORT; WRITING; SYLVIA PLATH.

De la redoma al poema: escritura, suplencia y melancolía en Sylvia Plath

RESUMEN: A partir de la concepción de la melancolía como una estructura psicótica, este estudio analiza los límites de la escritura como suplencia simbólica en Sylvia Plath. Considerando la propuesta lacaniana de que ciertas formaciones, como la escritura, pueden funcionar como un cuarto lazo de sostén psíquico, se discuten los impasses de

* Graduando em Psicologia pela Universidade CEUMA, vinculado ao curso de Bacharelado e em fase de conclusão da formação.

ORCID Id: <https://orcid.org/0009-0004-2832-4776>
E-mail: ms600268@gmail.com

** Psicóloga, Psicanalista. Doutora pelo programa de Pós-graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida no Rio de Janeiro (UVA/RJ).

ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0002-5475-3505>
E-mail: greta.fernandes@ceuma.br

esta operación cuando no hay una inscripción simbólica en el campo del Otro, es decir, un reconocimiento en el lazo social. En la biografía de Plath, se observa que la autora solo alcanzó reconocimiento público después de su muerte, lo que evidencia la falla de esa posibilidad de suplencia. Su escritura, así, no ofrece sostén a su estructura: repite, incansablemente, el dolor que no encuentra anclaje simbólico.

Palabras clave: MELANCOLÍA; PSICOSIS; SUPLENCIA SIMBÓLICA; ESCRITURA; SYLVIA PLATH.

Prólogo

Ao longo do tempo, a escrita configurou-se de modos diversos, ora voltada à criação de universos imaginários, ora comprometida com a revelação de experiências subjetivas e internas. Quando se orienta para o íntimo, emerge a vertente confessional, marcada pela exposição direta da vida psíquica e emocional de quem escreve. Segundo Filho et al. (2018), a poesia confessional é um movimento literário norte-americano que se consolida no final dos anos 1950, no pós-guerra, caracterizando-se pelo uso de experiências autobiográficas como matéria poética. Entre os temas recorrentes, estão “conflitos afetivos, vida doméstica, sexualidade, abandono e colapsos mentais” (P.20).

Segundo os autores, entre os principais nomes da escrita confessional, estão escritoras que fizeram de seus colapsos mentais matéria de escrita e que, tragicamente, tiveram o suicídio como desfecho comum. Entre elas, destacam-se Virgínia Woolf, Anne Sexton e, sobretudo, Sylvia Plath. De acordo com Alcântara et al. (2019), Sylvia Plath passou a ser reconhecida como poeta confessional após a publicação póstuma das primeiras edições de sua coletânea de poemas *Ariel* (1965).

A própria Sylvia Plath afirmava enxergar sua poesia como um reflexo direto de suas vivências emocionais e de seus sentimentos mais profundos. Nas palavras de Plath:

Penso que minha poesia seja fruto direto da experiência de meus sentidos e da minha emoção, mas devo dizer que não posso ter simpatia por aquele ‘grito do coração’ (...). Creio que se deve saber controlar, manipular as experiências, até as mais terríveis, como a loucura, a tortura [...]. E que se deva saber manipular com uma mente lúcida que lhe dê forma” (Plath, 1966, p. 169, *apud* Alcântara et al. 2019, p. 6).

Seu romance autobiográfico “A redoma de vidro” (1963/2014) acompanha *Esther Greenwood*, jovem que, após um estágio em uma revista de Nova York e o retorno à casa materna, vivencia um colapso psíquico que culmina em uma tentativa de suicídio e em internações psiquiátricas. A narrativa reflete com precisão a trajetória da própria autora, que passou pelas mesmas experiências: o estágio em Nova York, o retorno à casa da mãe, a tentativa de suicídio e a internação em uma instituição psiquiátrica (Bertacini et al. 2023). Vida e ficção entrelaçam-se de tal forma, que se tornam indissociáveis, e a escrita emerge atravessada pela experiência vivida. Em um dos trechos, Plath faz o seguinte relato (1963, p. 12):

Acontece que eu não estava conduzindo nada, nem a mim mesma. Eu só pulava do meu hotel para o trabalho e para as festas, e das festas para o hotel e então de volta ao trabalho, como um bonde entorpecido. Imagino que eu deveria estar entusiasmada como a maioria das outras garotas, mas eu não conseguia me comover com nada. Me sentia muito calma e muito vazia, do jeito que o olho de um tornado deve se sentir, movendo-se pacatamente em meio ao turbilhão que o rodeia.

Inspiradas pela própria maneira como Sylvia Plath se via, como “filha da melancolia”, Bertacini et al. (2023) dão esse nome ao artigo em que traçam um paralelo entre a escritora e sua personagem Esther Greenwood. O título, longe de ser apenas poético, antecipa a tese das autoras: a de que a melancolia opera como estrutura psíquica na vida de Plath, evidenciando-se em seus diários e no romance *A redoma de vidro*.

Em *Luto e Melancolia* (1917/2013), Freud propõe-se a esclarecer a essência da melancolia comparando-a com o “afeto normal do luto” (p. 30). Segundo o psicanalista, enquanto o luto é uma reação à perda de um objeto querido (seja ele um ente amado ou uma abstração), a melancolia surge como uma resposta à perda de um objeto amado que, embora não tenha morrido de fato, “foi perdido como objeto amoroso” (p. 234).

A distinção entre luto e melancolia passa, sobretudo, pelo senso de realidade diante da perda. Enquanto no luto há clareza sobre aquilo que foi perdido; na melancolia, essa identificação torna-se difusa. Segundo Almeida et al. (2022, p. 93), “o sujeito enlutado reconhece o objeto da perda e sofre sua ausência, ao passo que o melancólico permanece fixado em uma dor cuja origem ele não consegue nomear com precisão”. Assim, enquanto o luto empobrece o mundo externo, “na melancolia, é o próprio Eu” que se torna vazio (Freud 1917/2013, p. 235).

Em *A redoma de vidro*, a experiência melancólica delineada por Freud encontra expressiva ressonância na voz da protagonista. A narrativa de Plath atravessa sentimentos de esvaziamento e paralisia subjetiva, como quando afirma: “Me sentia inerte, vazia, repleta de sonhos despedaçados” (p. 119). A apatia diante da vida também se evidencia de forma contundente: “Eu não via motivo para me levantar. Eu não ansiava por nada” (p. 225).

Freud (1917/2013) aprofunda essa análise ao afirmar que, na melancolia, “o investimento objetal demonstrou ser pouco resistente, foi cancelado, mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto, e sim recuada para o Eu” (p. 241). Com base nessa concepção, Almeida et al. (2022) explica que:

[...] por causa de nossa identificação narcísica com o objeto perdido, o luto nunca é superado. Essa posição nos faz buscar incessantemente o retorno daquilo que perdemos, mas em vão, pois o resto do objeto que habita em nós e toma conta do nosso Eu nada mais é do que um fantasma gélido e assombroso – tal como a amada do irmão do conto. É justamente essa identificação narcísica que impossibilita o melancólico de seguir adiante. Dominado pela ausência, pela falta, esse indivíduo paralisa sua vida ou, em extremos, cede aos desejos mortais que criminam no ato suicida (p. 99).

Alessandri (2008), ao fazer uma análise sobre os diários Plath, percebeu que a escritora tinha uma espécie de fascínio pelo suicídio de Virginia Woolf, com quem se identifica profundamente. Segundo a autora, “ao ler os diários de Woolf em fevereiro de 1957, Plath faz referência a sua própria tentativa de suicídio em 1953” (p.31), dizendo sentir-se ligada a ela e descrevendo aquele momento como uma reprodução do mesmo ato.

O que esse processo evidencia é a ausência de um operador simbólico capaz de estabilizar o sujeito frente à perda. Falta-lhe um recurso que reinscreva o objeto no campo do Outro, permitindo que a falta opere como estrutura e não como devastação. Nesse ponto, torna-se pertinente a leitura proposta por Quinet (2006), que, ao retomar o texto freudiano à luz da psicanálise lacaniana, propõe uma inflexão importante no entendimento clínico da melancolia. Segundo ele, “se a melancolia foi, em determinado momento da obra de Freud, considerada um estado depressivo aparecendo em qualquer estrutura clínica, verificamos, a partir dos desenvolvimentos do próprio Freud, que, na verdade, ela é um tipo de psicose” (Quinet, 2006, p. 196). Inserem-se, portanto, no âmbito

da forclusão do Nome-do-Pai e, por isso, devem ser analisadas “a partir dos fenômenos da ordem da linguagem e dos fenômenos do gozo” (p. 196),

Carvalho (2010) analisa a escrita de Sylvia Plath como atravessada por uma dor incessante, que se manifesta de forma visceral, como se a autora escrevesse a partir de um furo psíquico que nunca se fecha. Segundo a crítica, o afeto predominante em sua obra é a dor, expressa em textos que parecem emergir de um “centro ferido que sangra psicologicamente sem cessar” (p. 21). Essa dimensão aparece com nitidez em *A redoma de vidro*, quando a protagonista afirma sentir-se “vazia e imóvel como um bebê morto” e vê “o mundo inteiro como um sonho ruim” (Plath, 2014, p. 443).

Lacan (1975-1976/2007) propõe, no entanto, que, diante do furo estrutural, pode haver uma possibilidade simbólica de contenção, uma espécie de tampa que, embora instável e temporária, tenta sustentar essa estrutura. Ele propõe, a partir da análise do escritor James Joyce, que a escrita pode operar, na psicose, como uma forma de suplência, uma amarração simbólica capaz de sustentar o sujeito diante do colapso estrutural.

No caso de Sylvia Plath, contudo, esse efeito estabilizador parece não se produzir. Segundo Montero (2023), mesmo após a escrita e publicação de *A redoma de vidro*, seu sofrimento psíquico não se atenua; ao contrário, ela se mostra progressivamente mais desorientada e com pensamentos suicidas. Nesse período, um evento marcante atravessava sua vida: a separação de Ted Hughes. Ainda durante o processo de rompimento, Plath tenta tirar a própria vida e, em 1963, um ano depois e apesar de seguir escrevendo intensamente, comete suicídio. Diante dessa trajetória, colocam-se questões fundamentais: qual o lugar de Hughes em sua estrutura psíquica? E, sobretudo, o que impede que sua escrita opere como suplência simbólica capaz de estabilizá-la diante dessa perda? Porque, mesmo escrevendo intensamente, sua produção não se constitui como um recurso de sustentação psíquica. Partindo dessa problemática, desenvolve-se a análise da trajetória e da obra de Plath.

O luto interdito

Em uma tarde de agosto de 1953, o desaparecimento de uma jovem universitária mobilizou a imprensa. Loira, bonita, aluna de uma renomada faculdade, ela se havia enfiado sob a varanda de casa após ingerir uma quantidade letal de comprimidos (Monteiro, 2023). Enquanto o país buscava freneticamente a garota perdida, algo nela parecia ter-se perdido já há muito tempo. Essa jovem chamava-se Sylvia Plath, escritora, em sua primeira tentativa de suicídio.

Quando foi encontrada, três dias depois, já não correspondia à imagem idealizada pela cobertura midiática. Estava desidratada, intoxicada e com um ferimento profundo na testa tomado por vermes. Segundo Monteiro (2023), não se sabe ao certo se a ferida foi causada no esforço de sair do esconderijo em que se metera ou se, ao perceber que continuava viva, bateu a cabeça deliberadamente para tentar completar o ato. Sua tentativa de suicídio parecia ecoar um sumiço interno muito mais antigo, algo que escapava aos jornais, e à comoção coletiva.

Seu pai, Otto Plath, morreu quando ela tinha apenas oito anos. A ausência dessa figura, que ocupava para ela o lugar de uma devoção quase sagrada, foi seguida por um silêncio estranho dentro da própria casa. Em “*A redoma de vidro*”, Sylvia escreve (2014, p. 267) “Era estranho que nenhum de nós tivesse visitado o meu pai, desde que ele fora enterrado naquele cemitério”. Além disso, Sylvia revela o vínculo especial com o pai ao dizer (p.267): “Sempre fui sua favorita”.

Sylvia rememora, então, uma rara experiência de contentamento na infância, ligada à figura paterna: “a última vez que eu me sentira tão feliz foi quando tinha uns oito

anos e corri por praias brancas e quentes ao lado do meu pai, no verão anterior à sua morte” (p. 162).

Foi a própria mãe quem impediu que Sylvia fosse ao enterro do pai. “Minha mãe não nos deixou ir ao enterro porque éramos muito pequenos na época” (p. 267). A personagem Esther, protagonista do seu romance autobiográfico, afirma: “lembrei que nunca tinha chorado pela morte do meu pai” (p. 70). A passagem assinala o instante em que a personagem e, por reflexo, a própria Plath, se dão conta da ausência de um marco simbólico que desse contorno à sua perda: o choro. Plath não viu o corpo, não participou do rito e, portanto, não elaborou a perda de seu pai.

Rollyson (2015) afirma que “a morte de Otto Plath, nunca deixou de ser uma ferida supurada na vida da escritora” (p. 47), uma ferida que, sem os rituais de luto, nunca encontrou uma forma de cicatrizar. Em *Daddy* (1962), Sylvia expressa essa ausência dizendo: “Por isso, nunca pude saber onde você meteu seu pé, sua raiz, nunca pude conversar com você” (2018, p. 233).

Quinet (2006) aprofunda sua leitura sobre a melancolia em Lacan, ao descrever um vazio estrutural no sujeito, um furo no psiquismo por onde se esvai a energia libidinal. Segundo ele, essa dissolução das associações “corresponde a um empobrecimento da excitação que percorre os neurônios e as reservas livres de libido”, o que se assemelha a “uma hemorragia interna” que atinge “o âmago de outras pulsões e de outras funções” (p. 198).

Essa hemorragia, segundo Quinet, é apresentada como uma forma de excitação que escorre por esse furo psíquico, funcionando como um ralo. Trata-se de um vazio estrutural que se relaciona com o furo no Simbólico, efeito da forclusão do Nome-do-Pai. Segundo Quinet, “lá onde deveria estar o Nome-do-Pai não se encontra nada” (2006, p. 198), apenas um buraco aberto que permite o escoamento da libido, como um ralo por onde tudo se perde (p. 198).

A morte de Otto Plath não apenas representou a perda de uma figura paterna para Plath, mas contribuiu para instaurar um vazio profundo. Como pontua Rollyson (2015), a escritora foi tomada por uma “sensação de desilusão, um vazio que nada na vida é capaz de suplantar” (p. 265).

Plath relatava que, após a morte do pai, mesmo com todos os esforços da mãe para proporcionar-lhe diversas atividades como “escotismo, aulas de piano, aquarela, dança” e apesar da experiência universitária, de “remar na bruma antes do café da manhã, das tortas de merengue e chocolate” e das “pequenas e explosivas ideias” que surgiam todos os dias, ela “nunca tinha sido feliz novamente” (Plath, 2014, p. 122).

A forclusão do Nome-do-Pai

Silva e Castro (2018, p. 151) explicam o sentido dado por Lacan à forclusão, tomando o termo emprestado do vocabulário jurídico, eles explicam que Lacan toma emprestado o termo “*Verwerfung*” onde se refere a “um processo que está acabado legalmente e não se pode apelar por ter perdido o prazo legal”.

Essa escolha não se limita apenas a uma questão terminológica, mas marca a criação de um novo conceito inexistente em Freud, que se torna fundamental para a compreensão da psicose. Barbosa (2019) destaca que “na psicose, há algo que não é simbolizado, que impede o surgimento de uma articulação entre recalçado e o retorno do recalçado. Isso que não é simbolizado é foracluído. Se fosse simbolizado seria recalçado” (p. 63).

A autora aprofunda essa distinção ao retomar dois termos elaborados por Freud *Verneinung* (negação) e *Verwerfung* (forclusão), ressaltando que, enquanto o primeiro

se encaixa sob a lógica da simbolização, o segundo se configura como “um bloqueio do simbólico onde há um retorno do real através de construções imaginárias” (Barbosa, 2019, p. 61).

Segundo Silva e Castro (2018), O Nome-do-Pai, significante responsável por “metaforizar o desejo materno” (p.151) e permitir a entrada do sujeito na ordem simbólica, desempenha papel fundamental na constituição psíquica. Sua função é barrar o gozo absoluto, instaurando a castração simbólica que regula o desejo e viabiliza a inscrição do sujeito na linguagem.

Barbosa (2019) afirma que a leitura feita por Lacan, no caso do Homem dos Lobos, radicaliza a formulação freudiana ao articular o conceito de forclusão. A autora destaca que, na perspectiva lacaniana, a castração simbólica simplesmente não se inscreve na estrutura do sujeito, como se jamais tivesse existido.

No caso de Sylvia Plath, a forclusão do Nome-do-Pai em sua estrutura psíquica impediu que ela lidasse adequadamente com suas perdas e frustrações na vida adulta. Retomando a primeira tentativa de suicídio de Plath em 1953, pôde-se compreender o que a levou a esse ato. Rollyson (2015, p. 45) afirma que “quando sucumbiu a um bloqueio criativo pela primeira vez, Sylvia o encarou como uma morte em vida e tentou pôr fim à própria existência”. Plath não conseguia lidar com a perda temporária de sua criatividade. A falta de um registro simbólico impediu-a de processar essa frustração, levando-a a uma reação extrema.

Aos 22 anos, Sylvia Plath enfrentou uma série de frustrações que culminaram em um colapso psíquico. A experiência de trabalhar em uma revista em Nova York, posteriormente retratada em seu romance autobiográfico, foi vivida como “decepcionante e catastrófica” (Monteiro, 2023, p. 265), e, somada à recusa de sua candidatura a *Harvard*, contribuiu para agravar esse colapso.

Diante dessas perdas, passou a “cortar as coxas com lâminas e anotou em seu diário que queria se matar” (Montero, 2023, p.267). O que resultou em uma internação por seis meses em um hospital psiquiátrico, onde ela era submetida diariamente a várias seções de eletrochoques. A violência dessa experiência é descrita por Plath em uma cena intensa de seu romance (1963/2024, p. 309):

O dr. Gordon colocou duas placas de metal nas minhas têmporas, prendeu-as com uma tira que apertava a minha testa, e me deu um fio para morder. Fechei os olhos. Houve um breve silêncio, como uma respiração suspensa. Então alguma coisa dobrou-se sobre mim e me dominou e me sacudiu como se o mundo estivesse acabando. [...] Fiquei me perguntando o que é que eu tinha feito de tão terrível.

Casamento, delírio e queda

Em fevereiro de 1956, Sylvia conheceu Ted Hughes, “um poeta que já admirava à distância” (2023, p. 267). O encontro foi intenso e, em apenas “quatro meses casaram-se e partiram para uma longa lua de mel” (Monteiro, 2023, p. 231).

Lacan (1955-/2007) utiliza a metáfora do tamborete para ilustrar a sustentação do mundo do sujeito. Ele afirma que “nem todos os tamboretas têm quatro pés. Há os que ficam em pé com três” (p. 231), indicando que o sujeito pode manter-se com apoios insuficientes. Esses apoios correspondem às bengalas imaginárias, identificações e construções no registro do imaginário que tentam compensar a falha estrutural provocada pela forclusão.

Lacan nessa mesma obra (1955) ressalta, porém, que “quando o sujeito, numa certa encruzilhada de sua história biográfica, é confrontado com esse defeito que existe desde sempre” (p.617), tais apoios podem mostrar-se insuficientes diante do retorno do

real. Em outras palavras, esses apoios são frágeis: podem sustentar o sujeito por um tempo, mas não garantem estabilidade duradoura.

Ao longo dos seis anos de casamento com Ted Hughes, Plath teve dois filhos e, junto a ele, dividia a vida entre a Inglaterra e os Estados Unidos. Nesse período, expressava em seus versos um amor intenso por Hughes: “Mãos nuas, entrego os favos de mel. O homem de sorriso branco [...] Ele e eu” (Plath, 1965/2018, p. 262). Atribuía ao vínculo que mantinha com ele um valor quase mítico, representando-o como “um deus marinho, o consorte perfeito para ela, a deusa da terra” (Plath, 1956, *apud* Rollyson, 2015, p. 367).



Sylvia Plath e Ted Hughes (Yorkshire, 1956).

O delírio no sujeito psicótico é uma forma de organização da realidade, que busca manter sua estabilidade psíquica diante da ruptura com a ordem simbólica. Como afirma Jardim (2011, p. 110), “o delírio se apresenta como uma maneira de se sustentar no mundo, de se manter estável.” Jardim argumenta que, dessa forma, o delírio cria uma outra realidade, capaz de sustentar o significante estrutural que lhe falta.

Esse papel da bengala imaginária exercida por Ted Hughes, permitiu a Sylvia um período de relativa estabilidade, durante o qual sua produção literária floresceu. Segundo Monteiro (2023), o casamento com Hughes ofereceu por certo tempo uma estrutura necessária para que Sylvia pudesse organizar sua existência.

O encantamento, porém, foi aos poucos cedendo lugar à violência: “Sylvia arranhava e mordía, mas Hughes era maior e mais forte” (p. 277), e Monteiro revela que ele “batia nela constantemente” (2023, p. 277).

Em junho de 1962, Sylvia sofreu um acidente de carro que mais tarde reconheceu como mais uma “tentativa de suicídio” (2023, p. 281). O acidente antecipa o colapso afetivo que se aproximava. Àquela altura, Plath já desconfiava do caso entre Hughes e *Assia Wevill*, tida como “uma mulher fascinante, de beleza judia” (2023, p. 280). No mesmo mês, veio a confirmação da traição. Em setembro, os dois se separaram.

Ressalto a seguinte afirmação, datada de 4 de março de 1957, quando Sylvia Plath ainda não completara um ano de casada com Hughes: Surpreendo-me muito quando percebo que meu ser inteiro, [...] tornou-se tão dependente e misturado a Ted que, se algo acontecer a ele, nem sei como conseguiria viver. Acabaria louca ou me matando. Não consigo conceber a vida sem sua presença (Plath, 1957 *apud* Alessandri, 2008, p. 103).

A perda da bengala imaginária leva o indivíduo a viver “uma catástrofe subjetiva, uma experiência de despedaçamento” (Jardim, 2011, p. 110). A “queda das bengalas imaginárias que sustentavam anteriormente a vida psíquica do sujeito é o que leva ao

surto psicótico” (Campos *et al.*, 2008, p. 76); pois se vê novamente confrontado com o vazio deixado pela forclusão do Nome-do-Pai.

No mesmo ano em que se separa de Ted Hughes, Sylvia Plath encontra-se desorientada e sua escrita passa a refletir o desejo da morte. Compõe, então, aquele que se tornaria um de seus poemas mais conhecidos: *Lady Lazarus* (p. 73).

No entanto sou a mesma, idêntica mulher. Tinha dez anos na primeira vez. Foi acidente. Na segunda quis ir até o fim e nunca mais voltar, Oscilei [...] morrer é uma arte, como tudo o mais. Nisso sou excepcional. Desse jeito faço parecer infernal. Desse jeito faço parecer real. Vão dizer que tenho vocação. É muito fácil fazer isso numa cela. É muito fácil fazer isso e ficar nela. É o teatral.

No início de 1963, Sylvia Plath vai-se afundando em um estado de surto cada vez mais grave. Segundo Monteiro, Plath “começou a fumar, não come, não dorme e perde cerca de nove quilos” (p. 262). Seus amigos, que a visitavam, começam a “notar um cheiro acre” (p. 363). Plath então escreve: “Sinto que preciso de um ritual para sobreviver de um dia para o outro até começar a superar essa morte, mas continuou descendo nesse poço de pânico e congelamento” (Plath, 1963, *apud* Monteiro, 2023, p. 288).

A escrita sem amarração

Nesse contexto de profunda desestabilização emocional, restava-lhe a escrita. Surge, então, a pergunta que orienta esta pesquisa: por que sua escrita não foi capaz de sustentar sua estrutura psíquica nesse momento? Farei algumas pontuações.

Segundo Alessandri (2011), o nó borromeano é uma construção topológica utilizada por Lacan para representar a articulação entre os registros do Imaginário, do Simbólico e do Real. Esses três registros, quando bem enodados, garantem a estruturação do sujeito. Na psicose, ocorre, no entanto, o que Lacan (1975/2007) denomina “lapso do nó” (p.88), ou seja, uma falha no enodamento borromeano, que impede a articulação entre os registros.

Lacan (1975/2007) afirma que, quando há esse lapso “temos um meio de reparar isso. Trata-se de fazer o que pela primeira vez defini como *sinthoma* [...] algo que permite ao simbólico, imaginário e real continuarem juntos” (1975, p. 91). Alessandri (2011) complementa essa formulação ao esclarecer que esse *sinthoma*, tem a “função específica de prótese, reenodando o real, imaginário e simbólico, uma vez que há falha no enodamento” (p. 120).

Ao sustentar a hipótese de uma psicose em James Joyce, Lacan (1975/2007) assinala que este escritor seria um exemplo de suplência. Segundo ele, “o nome que lhe é próprio, eis o que Joyce valoriza à custa do pai” (1975/2007, p. 86).

Joyce dizia: “Quero que os universitários se ocupem de mim por trezentos anos” (1975/2007, p. 17). Lacan assinala, nesse sentido, a importância da literatura para Joyce, destacando que ele conseguiu construir enigmas em seus textos “fazendo com que as pessoas se ocupassem unicamente na resolução deles” (p.149). Assim, tornou-se um nome público, alvo de comentários e debates. Dessa forma, conseguiu “fazer entrar o seu nome próprio no âmbito do nome comum” (Lacan, 1975/2007, p. 86).

De acordo com Henriques (2016), ao transformar seu nome próprio em referência, Joyce teria realizado uma compensação da carência paterna resultante da forclusão do Nome-do-Pai. Isso teria sido um fator determinante para o não desencadeamento de sua psicose, “tendo o ego de Joyce feito função de *sinthoma*” (2016, p. 4). Nesse sentido, “Joyce é o *sinthoma* que dá consistência borromeana” (Alessandri, 2008, p.126), ou seja, fazendo suplência, mantendo enodadas os três registros psíquicos.

Por outro lado, em 1961, Plath termina seu romance, “A redoma de vidro”, “na época a relação com Ted já estava péssima” (p. 322). Após a separação de Ted Hughes, em 1962, Monteiro (2023) afirma que, no meio de todo o desequilíbrio psíquico resultante da separação, Plath “começou a escrever furiosamente” (p. 324), poemas estes que mais tarde seriam publicados em *Ariel* (1965), “O livro que a tornou mais famosa” (p. 224).

Em seus diários, Plath escreve: Eu sentia que, se não escrevesse, ninguém me aceitaria como ser humano. [...] se você não me ama, ame o que escrevo e me ame por escrever (Plath, 1962/2017, pp. 519-520 *apud* Urbano, 2023, p. 7).

Segundo Monteiro, nesse mesmo ano, várias revistas começaram a recusar os novos poemas de Plath, justamente aqueles que ela considerava seus melhores. Além disso, ela procurava um editor nos Estados Unidos para a publicação de seu romance, mas enfrentava muitas dificuldades. Em dezembro de 1962, o editor “comunica que não está interessado em *A redoma de vidro*” (Monteiro, p. 228).

“Plath estava confiante de que o romance seria um sucesso” (Monteiro, 2023, p. 326). Em janeiro de 1963, *A redoma de vidro* é publicada no Reino Unido. Embora tenha recebido críticas favoráveis, “não acontece nada com o livro. Quer dizer, não é um sucesso” (2023, p.329). Além disso, outro editor norte-americano recusou a publicação do romance nos Estados Unidos. Enquanto isso, Ted é “premiado, valorizado e publicado” (p. 311).

Segundo Urbano (2023), a escrita de Sylvia articulava-se diretamente a uma demanda endereçada ao Outro, evidenciada por seus esforços em publicar textos, obter reconhecimento editorial e afirmar-se como escritora no campo literário. “Mais do que escrever, ela queria ter sucesso.” (Monteiro, p. 313)

Seu livro *Ariel*, mencionado anteriormente, realmente foi um sucesso, porém foi lançado em 1965, dois anos após seu suicídio. Monteiro faz o seguinte comentário: “acho que Plath não ocuparia o lugar que ocupa hoje na literatura se sua morte não tivesse sido tão trágica” (p. 325).

Retornando a Quinet (2006), ele faz a seguinte colocação sobre o sujeito melancólico (p. 205): “O ideal do eu que é abalado: sua sustentação é perdida. Como consequência, há um abalo do eu ideal, a perda narcísica”.

Segundo Alessandri (2008), a escrita de Sylvia Plath pode ser compreendida como uma tentativa de suplência, uma aposta para tentar reconstituir seu ego fragilizado por meio de uma nova inscrição simbólica: seu nome como escritora. Diferentemente de James Joyce, cujo nome como escritor tornou-se um *sinthoma* que deu consistência ao seu nó borromeano, sustentando os três registros psíquicos; Plath não alcançou esse efeito de estabilização, pois “só obteve reconhecimento público após sua morte” (Alessandri, 2008, p.126).

É nesse sentido que Alessandri faz a seguinte afirmação (p.126): “não posso considerar que a escrita, para Sylvia Plath, seria o quarto elo, o *sinthoma*. Penso que não houve este quarto elo, cuja função é o reenodamento [...] diferentemente de James Joyce, que, segundo Lacan, o ego do artista toma lugar como *sinthoma*”.

Seu nome não adquire valor simbólico capaz de sustentar o seu ego fragmentado pela melancolia. Em vez de oferecer estabilização, sua produção literária torna-se expressão recorrente do seu sofrimento psíquico. Em seu último poema “*Edge*” ou “*Limite*”, ela já se mostra consumada ao destino trágico que a atravessa: “A mulher está perfeita. Morta, seu corpo mostra um sorriso de satisfação, a ilusão de uma necessidade grega flui pelas dobras de sua toga, nus, seus pés parecem nos dizer: fomos tão longe, é o fim [...]” (*Ariel*, p.85).



Sylvia Plath em 1950.

A escrita torna-se prisão. Plath não encontra na linguagem um ponto de amarração, mas o reflexo insistente de um gozo sem borda que retorna sempre no mesmo lugar. Refém do próprio sofrimento, ela escreve até o limite, até que só reste a ruína da palavra e, com ela, a queda.

Referências:

Alcântara, C. D. S. Melancólico sopro de vida: a poética de Sylvia Plath e a humanidade confessional. *Babel: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras*, Alagoinhas, BA, v. 9, n. 2, p. 1–17, 2019. Disponível em: [10.69969/revistababel.v9i2.7628](https://revistas.uneb.br/index.php/babel/article/view/7628/5150). Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/babel/article/view/7628/5150> . Acesso em: 23 de mar. 2025.

Almeida, A. P.; Naffah Neto, A. (org.). *Perto das trevas: a depressão em seis perspectivas psicanalíticas*. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2022. 369 p. ISBN 9786555061307.

Alessandri, S. M. B. *Um estudo psicanalítico acerca do suicídio por meio de Sylvia Plath*. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em link <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15724>. Acesso em: 22 de nov. 2024.

Azevedo F.; Moisés S. de; Tavares Junior, J. M. A poética confessional em *The Bell Jar*, de Sylvia Plath. *Colineares*, Mossoró, Brasil, v. 5, n. 2, p. 18–32, 2018. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RCOL/article/view/154/113>. Acesso em: 10 maio. 2025.

Barbosa, K. Da Verwerfung em Freud à forclusão em Lacan. *Reverso (Belo Horizonte)*, Belo Horizonte, v. 41, n. 77, p. 57-64, jun. 2019. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/636980821/Untitled>. Acesso em: 06 de maio. 2025.

Campos, S. de; Goncalves, S.; Amaral, T. *Psicoses ordinárias*. *Mental*, Barbacena, v. 6, n. 11, p. x, dez. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272008000200005&lng=pt&nrm=iso . Acessos em 20 de mar. 2025.

Carvalho, A. C. A toxidez da escrita como um destino da sublimação em David Foster Wallace. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 513–530, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000300004>. Acesso em: 12 de abr. 2025.

Cezarin B., V.; Da Costa, C. H. as filhas da melancolia: Esther Greenwood e Sylvia Plath. *Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social*, [S. l.], v. 33, p. 193–215, 2024. DOI: 10.5016/msc. v33i0.2539. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/2539>. Acesso em: 10 abr. 2025.

Freud, S. Luto e melancolia (1917 [1915]). In: _____. *Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Epub (e-book). 312 p.

Henriques, R. P. Psicoses e literatura: de Schreber a Joyce com Lacan. *Acheronta: Revista de Psicoanálise y Cultura*, fev. 2016. Disponível em: <https://www.acheronta.org/acheronta29/paes.htm>. Acesso em: 11 de maio. 2025.

Jardim, L. Pesquisa em psicanálise: questões a partir do transitivismo com pacientes esquizofrênicos. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 103-111, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982017001006>. Acesso em: 08 de maio. 2025.

Lacan, J. O seminário Livro 23 O sintoma (1975- 1976). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, Epub 2007. 256 p. ISBN 8571109877.

Lacan, J. O seminário: livro 3 – As psicoses (1955-1956). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Aluísio Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. Epub (e-book). 380 p.

Montero, R. O perigo de estar lúcida. 1. ed. São Paulo: Todavia, Epub (e- book) 2023. 272 p. ISBN 9786556925516.

Plath, Sylvia. *Ariel* (1965). 5. ed. São Paulo: Raissa Castro, Epub 2018. 208 p. ISBN 9788576866947.

Plath, S. *A redoma de vidro* (1963). 1 edição. ed. São Paulo: Biblioteca azul, 2014. 280 p. ISBN 97885850579455. Epub (e-book).

Quinet, Antônio. *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. PDF 2006. 236 p. ISBN 978-85-7110-922-3.

Rollyson, C. *Ísis Americana: A vida e a arte de Sylvia Plath*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Epub(e-book) 2015. 392 p. ISBN 9788528

Silva, B. de S.; CASTRO, Júlio Eduardo de. A construção do conceito de psicose de Freud a Lacan e suas implicações na prática clínica. *Analytica*, São João del Rei, v. 7, n. 13, p. 145-160, dez. 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972018000200002&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 10 maio. 2025

Urbano, I. S. V. de R. *Sylvia Plath: uma escrita para “O caos da experiência”*. Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, março 2025. Disponível em: <https://institutopsicanalise-mg.com.br/sylvia-plath-uma-escrita-para-o-caos-da-experiencia/>. Acesso em: 11 de maio. 2025.

Citação/Citation: Silva, M. P.; Moreira, G. F. *Da redoma ao poema: escrita, suplência e melancolia em Sylvia Plath*. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XVII, no. 2), p. 106-116.

Recebido em: 23/08/2025
Aprovado em: 10/09/2025